

III Congresso de Professores nos Países de Língua e Expressão Portuguesas

Cidade da Praia, Cabo Verde
19 de Novembro de 1999

Ricardo Vieira
Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Leiria

Educação Intercultural e metamorfoses identitárias: uma visão antropológica do processo educativo

Falar de educação implica pensar na construção/reconstrução das identidades. Das identidades dos alunos e das identidades dos professores. A aprendizagem nunca se faz no vazio. O conhecimento novo integra-se (ou não) na matriz cultural dos indivíduos.

O aluno é uma Pessoa, tem uma identidade pessoal, uma identidade social e uma identidade cultural. O puto não é tábua rasa, existe e pensa, sente e age de acordo com o seu background cultural.

Aprender significa partir em relação à tradição, ao conhecimento e experiências já feitas.

Portanto, um processo de aprendizagem leva a alterações da identidade pessoal. Implica partir para um novo todo, uma nova dimensão.

Todo que, como sistematizou Durkheim, não é uma mera soma de partes. E a identidade é um todo, um todo complexo e não pode ser inferido exclusivamente a partir das qualidades das suas partes.

É como se 1 e 1 fosse igual a 3. O termo "e" não é sinónimo de adição. O termo "e" evoca apenas a presença de dois elementos ou de dois objectos de cuja combinação resulta uma nova identidade.

Da aprendizagem resulta de alguma forma uma mestiçagem de saberes, de valores e de cultura. O resultado, a nova pessoa, o novo aluno, esse é um todo mais ou menos integrado, mais ou menos ao modo de cada um, mais ou menos coeso, uma nova identidade construída por si e pelos outros nessa trajetória entre a cultura de origem e a cultura de chegada. Pelo meio fica a memória dos obstáculos, das hesitações, dos anseios, das decisões, das dúvidas e certezas que ocorreram na biografia da pessoa.

Porque a escola é cada vez mais um lugar de encontro de diferenças, de travessias multiculturais, as políticas educativas têm de ter isto em conta e preocupar-se com a construção de alunos interculturais. A escola tem de ter uma preocupação de comunicação entre os indivíduos portadores de diferentes culturas. Tem de ter uma filosofia e uma prática antropológicas que minimize a desigualdade sem acabar com a diversidade. Deve fomentar um encontro que leve ao enriquecimento pessoal sem perda necessariamente da cultura de origem. Um encontro que permita a construção do eu intercultural.

E isto implica, obviamente, uma pedagogia não segregadora mas também não assimilacionista. Que não reproduza os saberes fechados em *gethos*, mas que não homogeneize também o que é diferente, tornando a cultura dominante o único caminho do sucesso educativo. E é aqui que o saber antropológico, ao serviço duma educação intercultural tem o seu primordial papel na formação/reformação, construção/reconstrução das mentes dos professores. No pôr em prática pedagogias hermenêuticas descentradas da vida escolar monocultural.

É o que, em parte, e embora a propósito de outro assunto, Boaventura de Sousa Santos chama de hermenêutica diatópica (Santos, 1997), uma hermenêutica assente num diálogo intercultural.

O aluno é, assim, um operário em hetero e autoconstrução. A sua identidade é dinâmica: *“Já não sou eu mas outro que mal acaba de começar”* (Samuel Beckett).

Em cada fase da sua vida, o aluno, o professor, e outros sujeitos, claro, reconstroem o seu eu, e, paralelamente, as suas representações dos outros e do próprio contexto.

Por isso, altera-se a visão de si próprio, dos outros e do próprio mundo – o contexto que os torna mais actores ou sujeitos da sua própria aprendizagem.

É por isso que é indispensável dotar os alunos e os professores de um conhecimento comparativo para além das circunstâncias imediatas do seu meio local e das suas próprias rotinas. É por isso que reivindicamos a antropologia como ferramenta fundamental na formação de professores. Na inicial e na contínua.

E a formação contínua não pode ser vista como uma reciclagem. Tem que levar, justamente, à criação dum novo professor, à recriação/criação dum novo homem.

Para haver mudança nas práticas docentes, o sujeito, o professor, tem que entender que tem de se modificar a si próprio. Que tem de operar uma metamorfose na sua identidade pessoal e profissional, no seu quadro valorativo e na sua própria representação dos outros – os alunos.

A este nível, o da formação contínua, a antropologia pode ainda voltar a emprestar o seu método comparativo para ajudar o professor a redescobrir- -se, a conhecer-se a si próprio, para poder operar mudanças no seu eu pessoal e profissional. Como dizia Paulo Freire, *"podemos conhecer aquilo que conhecemos colocando-nos por trás das nossas experiências passadas e precedentes. Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais nos será possível compreender por que é que a realidade é o que é"* (Freire, 1974: 44).

Por isso digo que a antro-po-análise permite aceder à construção do homem, isto é, à construção identitária e às metamorfoses que a acompanham. Metamorfoses do professor e do próprio aluno na sua formação pessoal, social e profissional.

A antropologia pode ajudar à compreensão do processo de formação, das aculturações ocorridas na cultura pessoal de cada um, das encruzilhadas em que se teceu a história de vida do aluno e do professor. Numa perspectiva interpretativa (Geertz, 1989) e compreensiva *à la* Max Weber, a antropologia pode ajudar a desmontar o que designo de processo de transfusão cultural ocorrido na vida dos sujeitos entre a cultura de origem e a cultura de chegada.

Com a investigação realizada com narrativas e histórias de vida de professores, tenho construído os seguintes modelos de processos/produtos pessoais que talvez possam

ajudar à criação dum homem novo, dum novo professor e dum novo aluno - um terceiro homem como lhe chama Ernst Gellner:

1. A pessoa **Monocultural**: aquela que não parte, que vive menos a mudança social. Constata menos a heterogeneidade cultural. Contudo, embora muito circunscrita à cultura de origem, códigos linguísticos, sociais, éticos, etc., também sofre, naturalmente (leia-se culturalmente) metamorfoses.
2. O **Trânsfuga**: o que parte. O que interage com vários mundos cognitivos e valorativos. Neste, tenho intuído três variedades:
 - 2.1. O **Oblato**, que veste absolutamente a pele do outro, do novo mundo, e tende a despir as roupagens culturais anteriores. Com o aceder a determinada cultura é racionalizada a anterior como não cultura. Ao nível das atitudes e práticas acaba por ser monocultural de acordo com a cultura de chegada.
 - 2.2. O **Trânsfuga Multicultural**;
mas **monocultural** nas atitudes e práticas em cada esfera da sua vida. Vive dividido. Vive dois mundos culturais às vezes até contraditórios.
 - 2.3. O **Trânsfuga Intercultural**: o sujeito que liga as províncias culturais por onde passa e a integra num novo self.

Para finalizar, a antropologia deve, em minha opinião, ajudar a que a pedagogia se torne intercultural. A que a educação actue de forma intercultural na construção/reconstrução do self dos alunos e professores e outros cidadãos do mundo, habitantes da nossa *aldeia global*.

O trânsfuga intercultural parece ser um modelo construído pela aprendizagem na escola da vida e na vida da escola, tantas vezes resultado do acaso que a biografia dos agentes sociais atravessou, mas que me parece ser útil para a construção metódica e profissional de um professor intercultural. Para a construção dum sistema educativo que não exclua a multiculturalidade sob pena de se transformarem direitos de ser diferente, em enclaves culturais.

Bibliografia:

- CARDOSO, Carlos Manuel Neves (1996). "Referências no percurso do multiculturalismo: do assimilacionismo ao pluralismo", *Inovação*, vol. 9, 1 e 2.
- CARIA, Telmo, (1994a). "A reforma escolar da avaliação dos alunos do ensino básico analisada no contexto da(s) cultura(s) do professor(es), in *Educação, Sociedade e Culturas*, 1.
- CORTEZÃO, L. e STOER, S. (1996). "A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas" in *Inovação*, vol. 9, 1 e 2.
- FREIRE, Paulo (1974). *Uma Educação para a Liberdade*, Porto: Textos Marginais.
- GEERTZ, C. (1989). [original de 1973]. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Guanabara.
- ITURRA, Raul (1994). "O processo educativo: ensino ou aprendizagem", in *Revista de Educação Sociedade e Culturas*, 1.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1997). "Por uma concepção multicultural de direitos humanos", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 48, pp11-32.
- SILVA, Pedro e VIEIRA, Ricardo (1996). "A Dialogue Between Cultures: A Report of School-Family Relationships in Pinhal do Rei Elementary School" in Davies e V. Johnson (Eds.) *Crossing Boundaries - Multi-National Action Research on Family-School Collaboration*, Center on Families, Communities, Schools & Children's Learning, Report nº 33, Janeiro.
- SOUTA, Luís (1997). *Multiculturalidade & Educação*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (1998). *Entre a Escola e o Lar*, Lisboa: Fim de Século.
- VIEIRA, Ricardo (1999). *Ser Igual, Ser Diferente: encruzilhadas da identidade*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (1999). *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*, Porto: Afrontamento.
- VELHO, Gilberto (1994). *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.